

5
~~5083~~
CONGRESSO COLONIAL NACIONAL *de*

5083
CONFERENCIAS PRELIMINARES

~~maço 308~~
VI

INICIATIVAS ECONOMICAS E FINANCEIRAS NO ULTRAMAR

20
Conferência realizada na Sociedade de Geographia de Lisboa
em a noite de 15 de Maio de 1901

por

SIMÕES DE ALMEIDA

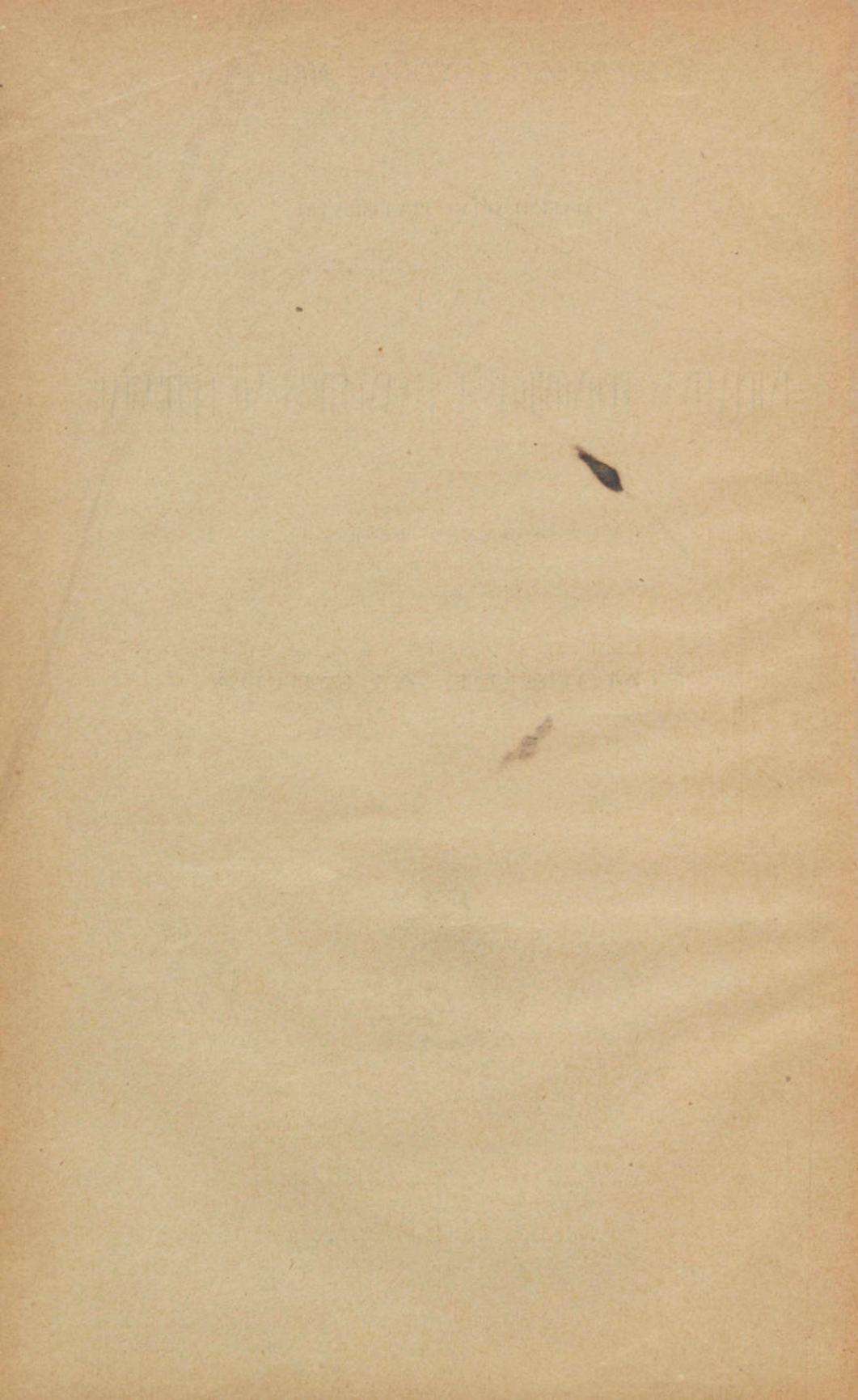
S. S. G. L.



R. 30837

LISBOA
IMPRESA NACIONAL

1902



INICIATIVAS ECONOMICAS E FINANCEIRAS NO ULTRAMAR

Conferencia em 15 de maio de 1901

Sr. Presidente: — Agradeço, penhoradamente reconhecido, as palavras affectuosas que V. Ex.^a acaba de dirigir-me, e as que, na sua bondosa benevolencia, tambem consagrou a minha mulher, que tão valorosamente me auxiliou durante as viagens que fizemos na provincia de Angola.

Meus senhores: — O nosso illustre Presidente disse que eu não me tinha limitado, no estudo a que me dediquei acêrca das nossas colonias, á leitura dos livros e relatorios — uns e outros sem duvida muito bem feitos — que existem sobre o assumpto, e que deliberara, para augmentar os meus conhecimentos em cousas da Africa, realizar uma inspecção *de visu*, a fim de ter assim meio de apreciar clara e fundadamente o desenvolvimento economico das nossas provincias ultramarinas.

Assim é, na verdade; e, agradecendo mais uma vez a S. Ex.^a a bondosa e honrosa referencia que dos meus trabalhos fez, desde já lhe confesso, que muito tive de que me penitenciar, do que em tempos escrevi acêrca dos nossos domínios de alem-mar; e nessa certeza fiz as minhas peremptorias declarações na conferencia que tive com o Sr. Conselheiro Villaça, então Ministro da Marinha, no dia seguinte ao do regresso da minha primeira viagem.

E, nesta conformidade de idéas, confesso que tinha vivido até áquelle momento na illusão de que em toda a nossa Africa Occidental tudo era riqueza extraordinaria, só havia terrenos uberrimos; mas, examinando esses terrenos, se vi que effectivamente elles são excellentes, reconheci tambem que, para d'elles tirar o resultado desejado, seria necessario um trabalho acerrimo e exhaustivo nas condições em que muitos d'elles se encontram.

Não me deveria admirar — e não me admirei — que fosse preciso trabalhar. Nunca tive a famosa illusão da *arcove das macutas*.

Para explorar as nossas colonias é necessaria uma heroicidade sem limites, uma abnegação e um desprendimento da vida, cujo sa-

crifício é mister fazer num trabalho insano, num labutar que nos conduz á anemia dos tropicos!

Assim, pois, tudo quanto ali se faz é um trabalho glorioso, e esta afirmação não deve cessar de ser repetida, porque é justa.

Convidado pela illustre commissão promotora do Congresso Colonial Nacional, para vir juntar algum insignificante material que ajude a consolidar essa obra grandiosa e altamente patriótica, comprehendí que não podia, porque não devia, escusar-me a esse convite, e por isso algumas palavras vou proferir para chamar a attenção dos que se interessam pelas nossas colonias e contribuir quanto em mim caiba, para que d'essa grande obra do congresso possam resultar beneficios ao nosso país.

De todas as theses distribuidas pelas doze secções do congresso, evidencia-se sempre o louvavel proposito de desenvolver, conhecer e estudar, o que é a economia das nossas colonias, ver o que se pode fazer para o seu engrandecimento, reformar a sua administração, apreciar o que se tem feito para afirmar o nosso dominio, porque a economia não se pode firmar nem desenvolver sem a occupação.

Não tomarei o encargo de traçar acêrca das nossas colonias uma rapida monographia, porque na passada conferencia ella foi aqui apresentada pelo illustre engenheiro e director de obras publicas no ultramar, o Sr. capitão Barahona. Já S. Ex.^a aqui disse o que havia de riqueza material em cada uma das nossas provincias ultramarinas, e todos ficaram sabendo que, em obras publicas, muito se tem conseguido, comparado com a exiguidade de recursos, em consequencia de só se poder dispor de insignificantissimas dotações. Pena é que a falta de continuação dos trabalhos iniciados os deixasse quasi completamente inutilizados.

Quanto á provincia da Guiné, que para nós deveria ser muitissimo valiosa, pois está apenas a cinco dias de viagem da metropole, merecendo por isso a nossa especial attenção, têmola deixado ao mais completo abandono, conservando-a, desde que, em 1863 a França no-la reconheceu, contra a contestação da Inglaterra, exactamente no mesmo estado em que até então a possuíamos. Urge, pois, utilizar e explorar as riquezas nativas que ali existem, abrindo caminhos, fundando feitorias, estabelecendo fazendas agricolas para a cultura cuidadosa não só das sementes oleaginosas, mas da borracha, do arroz, do milho, assim como da methodica exploração das matas.

Nas ilhas do archipelago de Cabo Verde só se vê a iniciativa par-

teicular representada, aqui e ali, numa ou outra plantação de canna saccharina, trabalhos isolados, enfim, sem o resultado que seria para desejar.

Quanto a S. Thomé, ali sim!...

Ali tem-se desenvolvido a nossa riqueza e manifestado, na sua mais bella irradiação, as nossas aptidões colonizadoras. Ali, como no Brasil, em vez de sermos negociantes, fomos e somos cultivadores.

Num periodo de 60 annos, desenvolvemos a cultura do cacau, o novo ouro, o bello filão d'aquella terra bemdita!

No continente de Angola, o que ha de grandioso e bello!...

A faixa do litoral é esteril, mas no interior, na zona do planalto que excepcionaes condições! Ali incitam o nosso trabalho e estimulam as iniciativas, para a lucrativa exploração de todas as culturas da Europa.

O illustre professor Sr. Consigliere Pedroso, ao iniciar as conferencias preliminares, ou preparatorias, do Congresso Colonial Nacional, chamou a attenção para a necessidade de se considerar, na nossa provincia de Angola, a altitude e a latitude, porque, na mesma latitude, quando no litoral a vegetação não pode vingar, vemos na altitude prosperar e desenvolverem-se as culturas da Europa.

Este ponto tem capital importancia, e é por não ter sido estudado convenientemente que, por vezes, as tentativas de exploração agricola em Angola não teem prosperado. A falta de meios de transportes, não tem permitido o estabelecimento de grandes fazendas no planalto, as quaes estão limitadas á faixa do litoral, pelo que só as destinadas á plantação de canna saccharina teem adquirido notavel desenvolvimento, tornando-se a unica manifestação evidente de nossa riqueza agricola em Angola.

Temos, porem, em Cazengo, fazendas onde se desenvolvem as differentes especies de café; mas essa plantação não tem prosperado pelo baixo preço do genero.

Pelo que respeita á canna saccharina, nem mesmo em Cuba se encontram plantações como as que se vêem em Angola. As plantações nas margens dos rios Loge, Dande, Bengo, Quanza, Egito, Catumbella, no Dondo Grande, Novo Redondo e Mossamedes, affirmam brillantemente a pujante iniciativa de seus proprietarios.

Ali ha plantações segundo os mais modernos processos, e fazendas dotadas dos mais aperfeçoados aparelhos, effectuando-se a exploração cultural e a destillação pelos mais perfeitos processos, desde a selecção das especies até á irrigação artificial, e á propria rectificação do alcool, em tão elevado grau, que mesmo na Europa só com difficuldade se obtém.

Tambem nessas fazendas se encontra tudo quanto na Europa temos em frutas e hortaliças, o que representa o producto de enormes sacrificios.

Isto representa a commodidade, o que se chama modernamente a verdadeira riqueza economica, o que constitue o bem-estar da familia, porque em familia se vive naquellas fazendas.

Tambem em Moçambique ha a cultura da canna saccharina, que ali tomou, igualmente, grande desenvolvimento, por haver segura exportação do alcool para o Transvaal, por este ali ter ingresso com um tratamento de favor, conforme a convenção commercial que foi estabelecida com aquelle Estado.

Tambem fabricamos assucar, e para isso se formou a primeira propriedade da Africa Austral, que é explorada pela Companhia do Assucar de Moçambique, propriedade que tem cerca de 40 kilometros de linha ferrea, illuminação electrica, serviço medico tão perfeito que é um verdadeiro *sanatorio* com relativas commodidades, e onde se fabrica o assucar com todos os melhoramentos, assucar que aqui é procurado com afan, pois satisfaz a todas as exigências do mercado, pelo que é promptamente vendido.

Montou-so no Luabo a Companhia Assucareira, com elementos para poder fabricar 6:000 toneladas de assucar por anno, e logo que seja definitivamente estabelecido o regimen para a entrada do assucar colonial na metropole, outras fabricas serão estabelecidas, não só em Moçambique, mas em Angola.

Tem-se tambem iniciado outras culturas, como a da borracha; mas não se pode chamar a isso mais do que experiencias; por emquanto só tem dado resultados relativamente pequenos, apesar de ser de excellente qualidade a gomma extrahida.

Quanto ao café, deve dizer-se que é *colhido* e não *cultivado*, porque só ha o trabalho de o colher.

Só em Cazengo é que se faz a cultura pelos modernos processos. Nas outras localidades o indigena é que o vae colher e o traz aos diferentes pontos de commercio.

Nada d'isto é novidade para os que me escutam, pois são assumptos conhecidos aquelles de que eu tenho tratado; mas julgo ser preciso chamar para elles a attenção do auditorio, a fim de poder estabelecer as permissas da minha these *Iniciativas economicas e financeiras no ultramar*.

Já fivê occasião de dizer que ainda bem que temos muito que fazer no ultramar, porque, quando todas as nações procuram trabalho a tantos braços disponiveis e a crise, pelo excesso de producção industrial e agricola, pesa sobre os mercados europeus, bom é que nós

tenhamos na nossa Africa vasto campo para expansão de todas as iniciativas, tendentes a dar trabalho a todos os que de boa fé e cheios de crenças o procuram.

Ora, se tudo estivesse feito em Angola, não poderíamos contar com esse campo que se desvenda ao nosso trabalho; mas, felizmente, temos o planalto, essa região que occupa uma extensão de 300 kilometros, onde se pode estabelecer a colonização europeia, entre altitude de 1:300 e 1:800 metros.

Vê-se, pois, a enorme importancia que isso tem para nós, que temos desprezado essa vantagem, só emigrando para o Brasil, onde o trabalho já não é tão remunerador como o foi até ao fim do anno de 1898.

É, portanto, mister que o emigrante procure novos horizontes, e esses horizontes estão em Angola, não no litoral, mas no planalto.

O que é preciso, pois, é fazer colonias; mas não como eu aconselhei e escrevi em tempo e do que me penitencio, mas assegurando previamente o bem-estar á constituição da familia, preparando os caminhos e facilitando as communicações, a fim do colono não se demorar no litoral, onde o empaludismo atrophiará as suas energias, e seguir immediatamente para o planalto.

Não se pode dizer ao colono que vá para a Africa sem ali ter preparada a horta e dispostas as ferramentas necessarias, o indispensavel conforto, porque o contrario será arriscar a vida e mallograr todos os esforços, como até aqui.

Mas isto é uma idéa nova?

Não.

Já se fizeram experiencias nesse sentido, como, por exemplo, entre Caconda e o Cubal; mas os que para lá foram viram-se lutando com difficuldades provenientes da falta de communicações, pois tinham de gastar dez dias, pelo menos, para transporte dos productos ao litoral, e a carga de cada 15 kilogrammas, ás costas de carregadores, importando em 1\$800 réis, é evidente que só para generos ricos, como a borracha, podia ser mantida.

Podê isto ser?!

Por certo que não; e, então, os que lá foram transformaram-se de agricultores em furradores.

O que é necessario, pois, repito, é facilitar os transportes e preparar commodidades ao colono, para que este tenha assegurados os elementos com que possa contar para aproveitamento da sua actividade.

O Congresso Colonial tem entre as suas theses uma que se refere ao desenvolvimento da colonização nos planaltos. Faça-se, pois, uma

propaganda de que se deve tratar d'essa colonização no planalto de Angola, onde eu encontrei, na mais bella disposição, pessoas que aqui conheci sem saude, e que, chegando ao littoral, adoeciam de novo.

As familias europeias e norte-americanas, que teem idó constituir as missões inglesas e americanas do Bihé e Bailundo, são o testemunho bem palpavel e frisante de que as crianças podem ali desenvolver-se opulentamente, dedicando-se aos trabalhos agricolas.

Emfim, tudo prova que nas grandes altitudes se pode viver em Africa.

Na Lunda e em Caconda, a 1:800 metros, já se fez tambem a experiencia.

O que é necessario, repito, é preparar principalmente as terras, arranjar casas onde os colonos não durmam em contacto com a terra,—quero dizer, habitacões que tenham primeiro andar,—e então poderão viver os colonos, poder-se-ha para lá mandar familias, e ali se constituirá a riqueza.

Foi o que fizemos no Brasil, onde sempre fomos caminhando successivamente, constituindo a fazenda, sob os auspícios e valimento da familia.

Trate-se, pois, de attingir o planalto de Angola, principalmente na parte de Caconda, dispondo as cousas de forma que se vá ali de Benguella em nove ou dez horas, e lá se constituirá a familia do colono e se formará a colonia, porque a colonia é a familia em ponto grande.

Nós, effectivamente, estamos sempre a dizer que nada se tem feito, que não sabemos progredir, e vamos deixando que outros passem adeante de nós.

Somos, porem, injustos, porque nenhuma das nações coloniaes tem feito tantos sacrificios como nós.

Nó entanto os outros conseguem e nós não, porque as soluções de continuidade, no plano de fomento colonial, inutilizam os mais pujantes emprehendimentos, ao passo que as outras nações, como a Inglaterra, a Hollanda e, modernamente, a Allemanha, teem a vantagem de tudo subordinar a um programma de unidade de acção.

Um agricultor estabelece-se numa provincia ultramarina e só pensa no vapor que o ha de trazer de novo para a metropole, só cuida de arranjar «uma boa liquidacão».

Assim, encontram-se em muitos pontos trabalhos que se não continuaram, justamente por causa d'estas soluções de continuidade, de que tambem se resente o funcionamento da machina official:

Um governador vae, faz uma cousa. Vae outro, e faz outra. Começa-se uma estrada, fica incompleta; inicia-se uma canalização, não

se conclue; principia-se a estabelecer uma linha telegraphica, e fica em meio!

E tudo assim!

Nisto não vae offensa a ninguem, porque é absolutamente o mesmo que succede na administração metropolitana, embora com menos bruscas oscillações, porque aqui tambem não ha programma administrativo.

É tambem justo dizer-se que, pelo que toca á iniciativa particular, não ha, em geral, o necessario bom senso.

Um negociante toma conta de uma casa e não segue as tradições do estabelecimento, não continua os abonos aos aviados da casa.

Se no commercio estas tendencias do absentismo provocam crises parciaes, tambem na administração publica as mudanças de situação politica causam grandes perturbações economicas, por se estar sempre a começar e raras vezes se acabam as obras projectadas.

É agora, sob o ponto de vista da nossa occupação, direi que, nas nossas fronteiras de Angola e Moçambique, temos postos militares, que só teem por defesa o prestigio do official que se aventura a viver isolado em tão afastadas regiões, onde nenhum conforto lhe é assegurado, pois só vivem em casas de «pau a pique», sujeitos a todas as intemperies e assaltos, ao passo que do outro lado da fronteira os nossos vizinhos lá estão, com todas as commodidades, habitando boas casas e efficazmente defendidos contra quaesquer aggressões e fornecidos com o rancho de primeira qualidade, que lhes é enviado semanalmente.

E como é bello ver que os nossos, a pé firme, faltos de tudo, não abandonam o seu posto; ao passo que os outros, apesar das boas condições em que se encontram, não vacillam em abandonar o seu posto, desertam immediatamente apenas se sentem doentes!

Nós não primamos pelo numero, mas pela qualidade; e esses postos avançados que mantemos em Africa demonstram a toda a Europa que nós sabemos manter o prestigio da nossa raça, á custa de sacrificios individuaes.

É, porem, muito triste para quem viaja encontrar, como eu encontrei, tres soldados da metropole, proximo ao Lucalla, cheios de febre, intoxicados pelo impaludismo, em completo abandono, sem terem ao menos um carregador que lhes transportasse a bagagem, e em taes condições de revoltante ostracismo, que, chegados ao Dondo, ali succumbiriam, se não houvesse quem, condoído da sua triste sorte, lhes prestasse os necessarios soccorros e os fizesse transportar para Loanda no vapor *Cunha*.

A impressão que me causou aquelle facto não se descreve! Só direi que me fez descorçoar e pensar amargamente na forma por que a mãe patria paga aos filhos a quem tanto deve!

*

Falemos agora de algumas iniciativas que são tambem de importancia capital para o desenvolvimento da nossa provincia de Angola.

A criação do gado tem sido feita por varias tribus e, apesar da peste bovina, ainda é a industria principal, ou antes unica, dos povos do planalto.

Ora, assim como as immensas campinas da Republica Argentina são aproveitadas para a industria pastoril, porque não havemos tambem de aproveitar para isso os ferrenos de que dispomos em Angola e tambem em Moçambique?

É uma industria para não se desprezar, tanto mais que temos magnificas raças, como as da Ganda e da Hanha.

Dizem alguns que é uma utopia pretender aproveitar a industria da criação do gado em Angola; mas eu não sou d'esse parecer, porque creio que, estabelecendo-se uma linha ferrea da praia do Lobito até Quissange, onde é possivel trazer do planalto o gado em boas condições para a Europa.

Depois da industria da criação do gado bovino, vem a da criação do gado lanigero.

Dizia-se que era impraticavel em Angola, mas contra essa opinião apresento o facto dos excellentes resultados obtidos com a experiencia feita pelo meu socio e nosso amigo Sousa Lara, com o casal de carneiros que comprou no Cabo, e que tão bem se reproduziram em Benguella.

Ora quando no clima de Benguella o gado lanigero pode desenvolver-se, muito melhor poderá prosperar nas altas regiões do planalto e nas zonas intermedias.

Ora, assim como no Cabo e no Transvaal uma das primeiras industrias é a da lã, porque a não podemos nós ter?

A luzerna dá-se admiravelmente não só nas altas regiões, mas no litoral, conforme pude verificar no valle do Dombe, onde a mandei semear.

A cultura do tabaco tambem pode ser muito proveitosa e remuneradora, havendo, como ha, possibilidade de cultivar o de Sumatra e Virginia, cultura que já foi experimentada, com excellentes resultados.

Presentemente, porem, essa cultura apenas está entregue aos indigenas.

Uma outra industria é a da extracção do petroleo.

Desde 1780 que se pensava na exportação do petroleo de Angola para o Brasil.

Pois um grupo de meus amigos tomou recentemente a iniciativa de dar impulso a essa industria, para o que tem empregado avultados capitães e trabalho com afieco para vencer todos os obices legais que se antepõem á realização de seus propositos.

Um engenheiro inglês, especialista de terrenos petroliferos, foi mandado ao local; colheu amostras e essas amostras, analysadas em Londres, deram 62 por cento de oleo.

Disse-se que não era possivel occupar o terreno; mas pediu-se a pessoa de influencia nos indigenas (pessoa que eu tenho o gosto de ver presente) e esse benemerito africanista, com a maior facilidade foi á grande «lagoa do feitiço» e de lá trouxe o betume que, analysado em Londres, como já disse, deu 62 por cento de oleo.

Definida a região petrolifera, foi estudada na extensão de 150 kilometros, sendo iniciadas as pesquisas por um distincto engenheiro naval portuguez, o qual fez sondagens até 50 metros de profundidade, colhendo os melhores resultados; a exploração vae fazer-se regularmente e já da America se nos pergunta o que é esse petroleo, o que é essa industria, interesse que se justifica desde que se sabe que os betumes já se não podem ir buscar a Venezuela e que tambem se obtem em Angola a parafina e o petroleo, seus derivados.

Assim, pouco a pouco, vae-se conseguindo o que se não fazia desde 1780, porque se não podia fazer em grande, por se julgar que só do Estado é que devem partir as iniciativas.

Quanto á industria mineira, não ha uma só mina em effectiva exploração, porque nós temos o predicado de entender que tudo quanto é bom devemos passar aos estrangeiros, pois só estes possuem qualidades para explorar o que nós temos.

Assim, deixamos de fazer muitas obras, e ficam por continuar outras, porque não ha quem se atreva a isso desde que se recceie que não esteja legalmente considerada em abandono uma mina que em tempos começou a ser explorada.

Temos, por exemplo, perto do litoral de Benguella as minas de cobre, e no Dombe Grande as de enxofre.

Entendeu-se, porem, que não merecia a pena explorá-las por não haver estrada! Não ha de ser o Estado que ha de fazer tudo!

Mas não!... O Estado, no nosso país, é como o caldo da portaria dos conventos... para sustento de mandriões!...

Tenho, comtudo, felizmente, um contraste a apresentar. Vi no Luacho uma propriedade onde ha um caminho de ferro com 27 kilometros só para ligar o porto da Tenda, com a esplendida fazenda de Santa Theresa.

Occorre-me agora dizer que, havendo idéa de estabelecer uma linha ferrea em S. Thomé, logo se começou a dizer que se não podia fazer, porque ia contender com o regimen da propriedade, atravessando as propriedades, etc.

Ora, porque é que os proprietarios de S. Thomé não fazem ali uma linha ferrea como a que os americanos fizeram em Cuba, isto é, aerea?

Não será bonito, mas é commodo e util.

Agora, quanto á parte financeira das provincias ultramarinas, direi ainda alguma cousa.

É preciso que o actual systema seja radicalmente remodelado, porque o que existe atrophia tudo.

É necessario fazer o que se fez na Australia e na Jamaica, isto é, que cada provincia tenha o seu cofre, pague as suas despesas e receba as suas receitas; determine as suas obras, administre, em fim o que é seu e para si propria, porque é impossivel progredir com esta engrenagem administrativa que temos, levando tempo immenso a resolver qualquer cousa, por ser preciso para tudo consultar a metropole.

Com referencia, pois, á administração financeira das colonias, o que aconselho é que as colonias tenham uma divida sua, constituindo titulos que, por certo, terão cotação em toda a parte, e emprehendendo-se então as grandes obras publicas, cujo traçado já aqui foi apresentado pelo illustre engenheiro o Sr. Capitão Barahona, as grandes linhas ferreas, as estradas carreteiras, as pontes, emfim, as vias de communicação que faltam, e, ao mesmo tempo, os caes, as obras nos portos, porque em muitos d'elles ainda temos de desembarcar ás costas do preto.

Trate-se, pois, de tudo isto, e, para alcançar os meios necessarios, emittam-se titulos de divida colonial, seguindo-se o systema usado pela Inglaterra que, tem consolidados de cada uma de suas colonias, cotados na Bolsa de Londres, onde, por exemplo, o 4 por cento do Cabo apenas tem o desvio de $\frac{1}{8}$ do consolidado inglêz.

Para a iniciativa particular — não me canso de o repetir — o que é necessario tambem é juntar os fragmentos do que temos feito e formar um todo uniforme e de commum orientação.

Na provincia de Moçambique, por exemplo, vemos tres companhias com direitos majestaticos e cada uma d'ellas ainda subdividida

em outras empresas que exploram diversas industrias e se entregam a differente commercio.

Ora, o que succede é que, por vezes, todas essas companhias se veem em difficuldades, o que não succederia se d'essas tres grandes companhias e de outras fosse constituído um *trust* por a valorização de seus titulos e federação de seus serviços.

Porque o não fazem?

Não me refiro a um *trust* para exploração bolsista. Entendo mesmo que os titulos coloniaes devem ficar em carteira, representando uma verdadeira economia, e não servirem por forma alguma para exploração; quem os tem não deve ser para os comprar hoje e vender amanhã, desde que ganhe tres tostões ou 10\$000 réis com isso.

Se as companhias das minas do Transvaal não estivessem todas agrupadas, teriam todas feito bancarota, mas o que se vê é que, apesar de não terem dado dividendo, a differença na cotação dos seus titulos é muito pequena.

Resistiram, pois, graças á união de todas as empresas, apesar dos prejuizos causados pela guerra, a despeito de se dizer que as reparações dos estragos causados custariam 12 milhões de libras; e agora, em vez de tanta despesa, reconhece-se que as reparações importarão num milhão de libras, o maximo.

Um outro exemplo frisante da conveniencia dos *trusts* está na recente confederação dos grandes productores e consumidores do aço, pela qual se conseguiu reduzir o preço do aço. O *trust* foi para baratear o producto e, obtido esse resultado, augmentou o consumo.

Juntemo-nos todos numa acção commum, porque é da communi-dade de todos os esforços que resultam as grandes forças.

Não nos ha de faltar capital para os melhoramentos que é necessario emprehender, nem força para demonstrar á evidencia a justiça das nossas reclamações! Estimule-se a iniciativa particular no fomento economico das nossas colonias, modalize-se a acção e administração do Estado ás necessidades locaes, que havemos de evidenciar perante o mundo, que não fomos apenas os descobridores, mas os uteis occupadores d'esses vastos dominios, para assim affirmarmos, que sou-bemos tirar proveitosa lição dos nossos soffrimentos e decepções para a nova era de trabalho, que a emerita Sociedade de Geographia proporciona a todos os que se interessam pelas prosperidades da nossa patria, e para o que tomou a gloriosa iniciativa da organização do Congresso Colonial.

